

E POR FALAR EM SAUDADE...

Onde anda você, onde andam seus olhos que a gente não vê... É... O poeta sabia de saudade... E nós também sabemos, embora na maioria das vezes nem estejamos aí para ela, até que se nos aperta a garganta e nos deixe os olhos marejados.

Temos a mania de ligar logo o sentimento da saudade ao fim de um amor ou romance, porque assim sempre o foi, esquecendo-nos, por exemplo, da saudade de nossos tempos de criança, dos tempos em que ainda respeito e carinho pelo próximo tinham seu valor, ou até mesmo de quando ainda caráter e ética eram elementos primordiais no ser humano.

Cuba Libre, Hi-Fi, Samba, picadinho de queijo, de linguiça, também deixam saudades. Disse deixam e não deixaram, porque na nossa memória ainda estão tão vivos que até podemos sentir o gosto na boca... Hum...

Há também a saudade dos bailinhos de fim de semana, a brincadeiras dançantes, o escurinho do cinema, paqueras na praça ou no quiosque do centro, tanta coisa, que poderia se passar o resto do dia ou da semana, ou... Ou quem sabe até do mês para lembrar-se de tudo. E tudo trazendo saudades.

Mas para falar de saudade, não é nada fácil. Como é difícil assumir e dizer, “eu tenho saudades, sim!”. Sempre fica aquele medo do que os outros irão pensar de nós, mas quando finalmente criamos coragem e o dizemos, “Poxa... Que alívio! Tirei um peso de meus ombros!”

Como é difícil para as pessoas assumirem que a saudade tem um gostinho especial sim, e como tem! Tudo bem! Mas e o que os outros irão dizer se eu confessar? “Mas é trouxa!” “Mas é bobo!” “Que coisa mais careta!”

Mas agora, quero confessar uma

coisa! Posso?

Ando numa saudade de mim que só eu sei. De mim... Assim, ó! De cada momento da vida que não vivi, de cada sonho que não realizei, de cada gole que tomei, de cada paixão que morreu, de cada palavra que não disse por medo ou que não ouvi por covardia de quem deveria dizer.

E posso dizer de uma vez por todas, que sentir saudades da saudade, é a saudade mais saudade que existe! E por isso, como é gostoso sentir o gostinho das saudades... Da saudade!

Hei! Cadê as suas saudades hein?

Antonio Jorge Rettenmaier, Cronista, Escritor e Palestrante, membro da AGEI, Associação Gaúcha dos Escritores Independentes. Esta coluna está em mais de setenta jornais impressos e eletrônicos no Brasil e Exterior.

O "EVEREST" DO FUTEBOL MUNDIAL

Por Faustino Vicente *



O lugar mais alto do planeta azul é muito mais que uma imponente montanha coberta de gelo. O Everest – teto do mundo com seus 8.844,43 metros de altura - não perde o poder de atração. É o pódio reservado para uma classe especial de seres humanos – pessoas que sabem transformar dificuldades em vitórias memoráveis. Nas imediações do pico da montanha, cada

passo é uma decisão - solitária e ariscada - que exige conhecimento, coragem, experiência, determinação, autocontrole e fé inabalável na superação do maior obstáculo para o ser humano – ele próprio.

O local mais ambicionado pelos amantes do alpinismo é, paradoxalmente, o mais agreste e isolado da terra. A permanência humana nesse local só é suportável por pouco tempo, consagrando a máxima de que a chave do sucesso encontra-se na caminhada, não na chegada. Uma reflexão sobre o montanhismo pode deixar lições exemplares para todos aqueles que buscam uma carreira bem-sucedida e duradoura. A Copa do Mundo é, sem dúvida alguma, o Everest do futebol. Este esporte tem a magia de oferecer oportunidades, para que garotos da periferia apliquem dribles sensacionais na pobreza e tornem-se cidadãos do mundo.

Apesar de existirem clubes que possuem excelentes infra-estruturas, o berço natural de craques continua sendo os campinhos de terra nos bairros das cidades. Aí, um grupo de garotos, sem camisas e descalços, corre atrás da bola e, naturalmente, de seu sonho maior – vestir a sedutora camisa da seleção de seu país. A descoberta das vantagens do marketing esportivo, pelo mundo dos negócios, levou os clubes à profissionalizarem a gestão. Planejamento estratégico, comissão técnica multidisciplinar, investimentos em infraestrutura física e excelência em recursos humanos, são ingredientes da receita indicada à conquista de títulos. O esporte, e a arte, são segmentos extremamente democráticos, pois dão oportunidades (iguais) para que as pessoas possam revelar e desenvolver o seu potencial.

A realização da Copa do Mundo é o mais atraente evento esportivo do planeta, pois movimenta todos os segmentos da sociedade, até o religioso. Orações de torcedores e promessas

de jogadores, são práticas comuns. Atraídos pelos euros e dólares, os craques têm trocado de clubes, e até de continente, com extrema facilidade, ao mesmo tempo em que cuidam da saúde física e aprimoram-se nos fundamentos essenciais da profissão. São os atletas globais, jovens que conseguiram fazer de suas excepcionais habilidades um meio de ganhar salários de causar inveja à executivos de grandes empresas.

Adquiriram a consciência de que dependem de seu desempenho em campo e da contribuição efetiva que devem dar para a conquista de títulos para suas equipes. No esporte de alto rendimento, a avaliação de desempenho acontece, “ao vivo e a cores”, pela comissão técnica, pelos profissionais da mídia e, principalmente, por aquela que contribui com os elevados saldos bancários dos jogadores – a apaixonada torcida. Diante dessa realidade vale a pena enfatizar que cada trabalhador, independentemente da função que exerça, deve se considerar presidente da mais importante empresa do planeta – ele próprio.

O capital de cada um de nós é o nosso potencial – capacitação técnica, conduta ética e as habilidades ecléticas – valores agregados que levam à concretização de nossas metas, ideais e, até de nossos sonhos. O sucesso (sustentável) de uma carreira depende da visão estratégica da atividade em que se atue. Essa percepção tem sido o passaporte para que ex-jogadores tornem-se técnicos, garotos-propaganda, comentaristas, empresários e, até incentivadores do Terceiro Setor.

Estamos convencidos que os executivos que tiverem a ousadia, e a humildade, de criar essa cultura empreendedora em suas empresas, estarão atingindo o pico do “Everest organizacional”.